

e-Learning versus b-Learning?! Qual a melhor opção?...

Henrique Teixeira Gil
ESECB & CIEFCUL
Rua Prof. Dr. Faria de Vasconcelos
6000-266 Castelo Branco
00351272339110
hteixeiragil@ese.ipcb.pt

ABSTRACT

Muitas iniciativas nacionais e internacionais já têm sido levadas a efeito no domínio do ensino a distância baseadas em plataformas electrónicas. O e-learning passou a constituir uma prioridade pelo que muitos esforços têm sido realizados para que esta nova forma de ensinar e de aprender se generalize. Adquirida alguma experiência na sua utilização, o e-learning começa a «sofrer» algumas adaptações e a utilização «mista» que consiste na utilização da plataforma de e-learning, através de um ensino a distância, alternada com sessões presenciais parece ter começado a ganhar adeptos na concepção que se passou a designar por b-learning (blended-learning). Esta comunicação pretende motivar a discussão e reflectir acerca das suas potencialidades educacionais através de algumas propostas de design e de estratégias para cursos baseados em b-learning.

Keywords

e-learning; b-learning; ensino/aprendizagem;

1. DESAFIOS E NOVOS OBJECTIVOS EDUCATIVOS

Desde sempre que o ensino superior tem vindo a sofrer pressões para que introduza alterações nas suas diferentes formas de promover o conhecimento de acordo com as necessidades da sociedade. Ou seja, tal como defendem [1] trata-se de encontrar novas metodologias que privilegiem a criação de contextos de aprendizagem centrados nos alunos em detrimento de metodologias que apenas têm como principal preocupação a transmissão de informação. O que se pretende é que se promova um modelo centrado nos alunos para que estes possam desenvolver o seu espírito crítico e reflectir acerca das suas aprendizagens de uma forma participada e activa. Neste contexto, o professor terá que proporcionar as condições para que os seus alunos se tornem cada vez mais autónomos, mais confiantes e que adquiram, ao mesmo tempo, uma consciência social das suas aprendizagens com vista à sua adequada inserção na sociedade e mercado laboral. Ou ainda como refere [2], apoiar os alunos para que se tornem “(...) more productive members of a society as lifelong learners working toward the common good.” Para que isso ocorra tem que se promover um processo educativo que inclua estratégias que incluam o espírito crítico e a discussão como forma de os alunos aprenderem a pensar, a aprender, a produzir e a avaliar os conhecimentos para que se construam as bases para uma aprendizagem independente e que se perpetue ao longo da vida. Mas mudar nem sempre é fácil. Tal como é apontado por [3], “(...) change is not easy to implement because there is a significant pressure from within universities to preserve the *status quo*.” É comum aceitar-se o facto dos professores

ensinarem como foram ensinados e resistem a mudar. E, também como é afirmado por [4], as actividades de investigação roubam muito do seu tempo e também porque os professores sentem que “(...) for the potential rewards are not worth the risk and also because most teachers in higher education do not know enough about effective instructional activities based on blended learning.”

2. MODELOS, ABORDAGENS E VANTAGENS DO BLENDED-LEARNING: REFLEXÕES

Parece não haver dúvidas em relação a um consenso muito alargado que b-learning constitui o resultado de uma «mistura» de abordagens pedagógicas e de recursos. Contudo, existem algumas dúvidas em relação ao tipo de «mistura» a implementar, assim como, ao quando e ao modo como se deve proceder e proporcionar. Na opinião de [5] a escolha do meio para a distribuição do curso online reveste-se de grande importância mas também acrescenta que o grau de maturidade dos «e-learners» pode igualmente ser decisivo. Pois, alunos com maiores índices de maturidade conseguem ser capazes de melhor se auto-disciplinarem e auto-motivarem porque a inclusão numa comunidade de aprendentes exige muito de cada um dos seus membros. Um curso no formato de b-learning deverá conseguir oferecer diferentes processos e/ou formas para se atingirem objectivos semelhantes, com diferentes sequências metodológicas para que se consigam os melhores resultados para o maior número possível de alunos. Ou seja não se pretende que o b-learning ofereça “one-size-fits solution” mas que se possa apelar à sua grande flexibilidade e capacidade de adaptação a diferentes contextos, professores e alunos. O papel do professor é bastante importante dado que terá que decidir qual o tipo de b-learning que deverá adoptar e, por isso mesmo, deverá ser capaz de ser o mais objectivo possível para evitar confusão junto dos alunos. Daí ser essencial uma estreita ligação com os alunos de modo a que a comunicação seja clara e que promova a confiança entre a comunidade de aprendentes. Torna-se necessário que esta comunidade sinta quais os reais efeitos do curso de b-learning, dar cumprimento às suas expectativas e definir claramente quais os objectivos a atingir. Mas o estabelecimento de um clima de confiança é muito realçado e pode ser decisivo para o sucesso da comunidade na prossecução dos seus objectivos. Um modelo que é proposto por [6] designado por «Learning Ecology Matrix» e consiste em quatro vectores: «learner self-navigation» to «guided navigation», and «content delivery focus» to «experience and practice focus». Neste modelo os alunos possuem uma grande preponderância uma vez que poderão adequar a sua própria experiência e podem também tomar decisões onde, de acordo com [6] os processos de feedback têm um papel importante. Assim,

criam-se oportunidades para que os alunos adquiram conhecimento através de um sistema de ensino e de aprendizagem que está de acordo com as suas necessidades, interesses e estilos de aprendizagem. Mas tal só será conseguido se for possível manter níveis elevados de auto-motivação o que é sempre difícil de conseguir e será neste ponto que o professor terá que desenvolver os seus esforços para manter a comunidade unida e concentrada nos objectivos que pretende alcançar. Torna-se importante relembrar que a utilização da tecnologia/computador não deverá ser utilizada para a promoção da disponibilização da informação simplesmente através de uma abordagem mais tradicional. O real e grande desafio consiste em identificar quais os ganhos que se poderão obter com a utilização desta tecnologia através de um sistema multimodal. Daí o facto de [7] afirmarem que a tecnologia não deverá ser incorporada sem antes se ter discutido a sua importância e, fundamentalmente, a sua pertinência. Porque, ainda de acordo com [8], “(...)the design of blended learning courses must and needs to be grounded in education theories because if we design online courses and ignore education and learning theories, we are in danger of leaving learning to chance.” Mas, para além do professor e dos alunos que compõem a comunidade de aprendentes há uma outra variável tanto ou mais importante que as primeiras: o envolvimento institucional, a instituição tem que sentir que a opção pelo b-learning tem que ser assumida por todos e que se torna num dos seus objectivos estratégicos. Por isso, [9] insiste na necessidade de se promover formação para todos aqueles funcionários e professores que directa ou indirectamente estão relacionados com a implementação do curso no formato de b-learning para que haja um sentimento de pertença e de posse desta opção: “(...)blended learning resources need to be integrated with learning activities and embedded into online curriculum resources. The design of blended learning resources should be considered within the overall design of the curriculum in order to adjust to the vast new resources and activities of e-learning and classroom learning.”

3. CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Em jeito de conclusão e de reflexão pode-se apresentar a opinião de [9], com a qual se concorda: “Opportunities for real change lie in creating new types of professors, new uses of instructional technology and new kinds of institutions whose continual intellectual self-capitalization continually assures their status as learning organizations.” A interacção entre os membros da comunidade de aprendentes é fundamental porque pode ser considerada como «a cola» que junta todas as «peças» envolvidas uma vez que a interacção deve ser gerada a vários níveis. Esta interacção não se deverá ficar pela relação professor-aluno mas deve acontecer entre aluno-conteúdos, aluno-aluno, aluno-infraestrutura e aluno-contexto. Trata-se de uma «aprendizagem ecológica», dinâmica e sistémica e não uma dicotomia entre o presencial/tradicional e o online. Trata-se, pois, de um sistema aberto, complexo e que deve conter todas as possibilidades para que se possa facilmente adaptar a novos contextos e à diversidade. Tal como afirma [10]: “Blended learning must have the ability to bring coherence and simplicity to an ever changing diversity of

new possibilities for technology application. Moving forward, what will differentiate institutions from one another will not be whether they have blended learning, but rather how they do the blending and where they fall on blended learning spectrum.” Por isso, b-learning deve ser encarado e entendido para além de uma simples abordagem educativa porque ao estarem envolvidos todos os elementos institucionais transformam esta questão numa questão sistémica que afecta e é afectada por toda a comunidade educativa. Mais uma vez se afirma e se insiste que o b-learning, pela sua natureza «mista», obriga a que sejamos capazes de reconhecer a cada momento, para cada aluno, para cada objectivo, para cada problema e para cada contexto qual a melhor e mais adequada resposta seja ela de acordo com as metodologias e abordagens do ensino presencial seja do ensino online para que se formem futuros cidadãos com as capacidades que lhes venham permitir serem bem sucedidos na sua futura actividade profissional.

4. REFERÊNCIAS

- [1] Barr, R. and Tagg, J. 1995. From teaching to learning: A new paradigm for undergraduate education. *Change*, 27 (6), 13-25.
- [2] Rovai, J. 2004. Blended learning. *The International Review of Research in Open Distance Learning*. Vol. 5, Nº 2, ISSN: 1492-3831, 14-28.
- [3] Gardiner, L. 1998. Why We Must Change: The research evidence. *Thought and Action*. 14 (1), 71-88.
- [4] Huang, R. and Zhou, Y. 2006. Designing Blended Learning Focused on Knowledge Category and Learning Activities: In: Bonk, C. and Graham, C. (Eds). 2006. *The Handbook of Blended Learning: Global Perspectives, Local Designs* (296-310). John Wiley & Sons, San Francisco.
- [5] Oliver, M. and Trigwell, K. 2005. Can ‘Blended Learning’ Be Redeemed? *E-Learning*, Vol. 2, Nº 1, 17-26.
- [6] Wenger, M. and Ferguson, C. 2006. A Learning Ecology model for Blended Learning from Sun Microsystems. In: Bonk, C. and Graham, C. (Eds). 2006. *The Handbook of Blended Learning: Global Perspectives, Local Designs* (76-91). John Wiley & Sons, San Francisco.
- [7] Jones, N. and O’Shea, J. 2004. Challenging hierarchies. *Higher Education*, 48 (3), 379-395.
- [8] Reynolds, T. and Greiner, C. 2006. Integrated Field Experiences in Online Education: A Natural Blend? In: Bonk, C. and Graham, C. (Eds). 2006. *The Handbook of Blended Learning: Global Perspectives, Local Designs* (209-220). John Wiley & Sons, San Francisco.
- [9] Jung, I. 2003. Online Education for Adult Learners in South Korea. *Educational Technology*, 43 (3), 379-395.
- [10] Dziuban, C. et al. 2006. Blended Learning Enters the Mainstream. In: Bonk, C. and Graham, C. (Eds). 2006. *The Handbook of Blended Learning: Global Perspectives, Local Designs* (195-208). John Wiley & Sons, San Francisco.